

Produção Colaborativa de Panfletos Educativos como Estratégia de Protagonismo Popular durante a Sindemia de Covid-19 em uma Experiência Formativa Híbrida

Production of Educational Leaflets as a Strategy of Popular Engagement During the Covid-19 Syndemic in a Hybrid Training Experience

Mariana Alberti GONÇALVES^{1*}

Jonathan Gonçalves de OLIVEIRA¹

Leonardo Alves SAMPAIO¹

Mariana Soares da Silva Peixoto BELO^{1,2}

Roberto Rodrigues FERREIRA¹

Luciana Ribeiro GARZONI¹

¹ Fundação Oswaldo Cruz - Rio de Janeiro, RJ – BRASIL.

² Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro, RJ – BRASIL.

*marianalberti@hotmail.com

Resumo. Este artigo analisa a produção colaborativa de panfletos educativos sobre prevenção da Covid-19, desenvolvida no âmbito de uma experiência formativa híbrida com Agentes Populares de Vigilância em Saúde em três municípios da Baixada Fluminense. O objetivo consistiu em compreender como esse processo contribuiu para fortalecer o protagonismo popular e promover aprendizagens técnicas, conceituais e comunitárias durante a sindemia. A pesquisa adotou uma abordagem quali-quantitativa, com análise de unidades de significado aplicada às falas dos participantes registradas em questionários, rodas de conversa e atividades desenvolvidas ao longo das etapas formativas realizadas de modo virtual e presencial. Os resultados indicaram que a construção coletiva dos panfletos favoreceu o domínio de ferramentas digitais, a ampliação das competências comunicacionais e o reconhecimento dos saberes locais como elementos legítimos na produção de materiais educativos. A atividade também mobilizou práticas de cooperação, diálogo e engajamento comunitário, reforçando a identidade dos participantes como sujeitos ativos na circulação de informações de saúde em

seus territórios. A avaliação formativa revelou elevado nível de satisfação e percepção de impacto social dos materiais produzidos. Conclui-se que a proposta se configurou como uma estratégia formativa promissora para a promoção da autonomia, da participação social e da democratização da informação em saúde em contextos de vulnerabilidade.

Palavras-chave: Educação em saúde. Educação popular. Protagonismo popular. Tecnologias digitais.

Abstract. *This article analyzes the collaborative production of educational leaflets on COVID-19 prevention, developed within a hybrid training experience with Popular Health Surveillance Agents in three municipalities of Baixada Fluminense. The study aimed to examine how this process contributed to strengthening popular protagonism and fostering technical, conceptual, and community learning during the syndemic. A quali-qualitative approach was adopted, using meaning-unit analysis applied to participants' statements collected through questionnaires, discussion circles, and activities carried out throughout the virtual and in-person training stages. The results indicate that the collective construction of leaflets enhanced digital literacy, strengthened communicational competencies, and reinforced the recognition of local knowledge as a legitimate basis for producing educational materials. The activity also mobilized practices of cooperation, dialogue, and community engagement, reinforcing participants' identity as active subjects in the circulation of health information in their territories. The formative evaluation revealed high levels of satisfaction and perceived social impact of the materials produced. It is concluded that the proposed activity constituted a promising formative strategy for promoting autonomy, social participation, and the democratization of health information in contexts of vulnerability.*

Keywords: Health education. Popular education. Community protagonism. Digital technologies.

Recebido: 20 /01/2026 Aceito: 16/04/2026

Editores Responsáveis: Daniel Salvador/ Carmelita Portela/ Daniela Samira

1. Introdução

A Covid-19, declarada pandemia em 2020, evidenciou a desigual distribuição de riscos, recursos e possibilidades de proteção, especialmente em territórios marcados pela vulnerabilidade social (Horton, 2020; Teixeira; França Jr., 2020). O conceito de sindemia tem sido fundamental para compreender essa dinâmica, ao destacar a interação entre fatores biológicos e determinantes sociais, que amplificam os efeitos da doença em populações desfavorecidas (Horton, 2020; Mendenhall, 2017). Nesse cenário, estratégias educativas contextualizadas e territorialmente

situadas tornaram-se essenciais para promover autonomia, acesso à informação e fortalecimento comunitário em regiões periféricas do Rio de Janeiro.

Na Baixada Fluminense, região geográfica pertencente à Região Metropolitana do Rio de Janeiro, comumente descrita como composta por treze municípios — Duque de Caxias, Nova Iguaçu, São João de Meriti, Belford Roxo, Nilópolis, Mesquita, Queimados, Japeri, Seropédica, Magé, Guapimirim, Itaguaí e Paracambi — (Bava Baixada, s.d.; Pereira, Soares e Coutinho-Silva, 2011), lideranças comunitárias de alguns desses territórios mobilizaram-se diante das dificuldades de acesso a cuidados, informação e suporte no início da pandemia.

Essa mobilização resultou na criação de um projeto integrado que envolveu testagem, vigilância comunitária e ações formativas. Entre as atividades formativas realizadas, destacou-se a produção colaborativa de panfletos educativos sobre prevenção da Covid-19, desenvolvida em uma experiência formativa híbrida que combinou encontros remotos e ações territoriais. Essa atividade articulou princípios da Educação Popular em Saúde (EPS), compreendida como prática dialógica, crítica e emancipadora, que reconhece os saberes locais como parte legítima da produção de conhecimento ((Freire, 1996; Ministério da Saúde, 2017; Vasconcelos, 2021)

O uso de tecnologias digitais, especialmente em contextos de vulnerabilidade, desempenhou papel central ao viabilizar processos de aprendizagem, inclusão e mobilização comunitária durante a crise sanitária. Pesquisas indicam que, quando mediada por metodologias participativas, a formação híbrida potencializa o engajamento crítico, o letramento digital e o desenvolvimento de competências comunicacionais (Souza; Vieira-da-Silva, 2022; Gesser; Brêtas, 2022). Nesse contexto, materiais educativos impressos e digitais, como panfletos configuram-se não apenas como produtos informativos, mas como ferramentas pedagógicas vivas, capazes de fomentar criatividade, diálogo e mediação crítica da informação (Dos Santos; Ramos; De Assis, 2019).

Além disso, essa experiência dialoga com as dimensões de efetividade propostas por Salazar (2004), evidenciando que as atividades formativas do projeto, especialmente aquelas relacionadas à produção colaborativa de materiais educativos, geraram efeitos concretos nos participantes, nos processos organizativos e nas práticas de vigilância comunitária em saúde.

Diante desses elementos, este artigo analisa a produção colaborativa de panfletos educativos como atividade formativa híbrida durante a pandemia de Covid-19, discutindo seus efeitos pedagógicos, tecnológicos e comunitários, bem como suas contribuições para o fortalecimento do protagonismo popular na Baixada Fluminense.

2. Metodologia

Realizou-se uma pesquisa participante, desenvolvida por meio de uma ação formativa coletiva na qual pesquisadores e participantes interagiram de forma cooperativa, horizontal e dialógica

(Thiollent, 2009). A investigação foi conduzida como processo de co-criação de saberes, orientado pela construção de conhecimentos com os sujeitos, e não sobre eles, em consonância com perspectivas críticas de pesquisa-ação em territórios vulnerabilizados (Fasanello; Nunes; Porto, 2018).

Adotou-se uma abordagem quali-quantitativa, entendida como complementar na análise de fenômenos complexos (Minayo; Sanches, 1993). O enfoque quantitativo foi utilizado para descrever características do grupo e percepções gerais, enquanto o qualitativo permitiu aprofundar sentidos, interpretações e experiências vinculadas ao processo formativo, assumindo-se uma perspectiva reflexiva que reconhece as interações entre pesquisador e participantes como parte constitutiva da produção de conhecimento (Minayo, 2014).

A atividade analisada consistiu na produção colaborativa de panfletos educativos sobre prevenção da Covid-19, desenvolvida entre agosto e dezembro de 2021 com profissionais de saúde e lideranças comunitárias de Belford Roxo, Duque de Caxias e Nova Iguaçu. A escolha dos três municípios ocorreu a partir da mobilização de lideranças comunitárias, moradoras desses territórios, que estabeleceram contato com a equipe da Fiocruz, resultando na construção coletiva de um projeto de vigilância de base comunitária, desenvolvido em parceria entre lideranças e pesquisadores. A seleção dos agentes, realizada com base no número necessário para cobrir a área do estudo epidemiológico, totalizou 24 agentes. Sendo 4 líderes comunitários e 18 profissionais de saúde. No momento da realização dessa etapa do processo formativo, o número de participantes (agentes) totalizou 22. O número de participantes foi delimitado pelo escopo territorial da experiência e pela adesão ao processo formativo, configurando um grupo reduzido. Para preservação do anonimato, os participantes foram identificados por códigos alfanuméricos (APVF1... APVF22). A ação formativa foi organizada em quatro etapas articuladas, combinando encontros virtuais e atividades presenciais: aula remota síncrona com apresentação conceitual e orientações sobre criação de panfletos no programa *Canva*; reuniões virtuais por município para discussão das versões iniciais; revisão coletiva final e distribuição territorial dos panfletos; e avaliação formativa composta por roda de conversa e questionário online. Essa organização permitiu participação ativa, construção compartilhada e exercício de organização coletiva do trabalho.

A coleta de dados baseou-se em três fontes principais: respostas às questões abertas dos questionários avaliativos, registros das rodas de conversa e versões preliminares e finais dos panfletos produzidos pelos participantes. Esses materiais possibilitaram identificar percepções, aprendizagens, desafios e efeitos formativos decorrentes da experiência. Os dados qualitativos foram analisados segundo a técnica de tematização de unidades de significado (Fontoura, 2011), envolvendo leitura compreensiva, identificação de núcleos de sentido e organização em categorias analíticas, articuladas ao referencial crítico da Educação Popular em Saúde e à literatura sobre comunicação comunitária e protagonismo popular (Valla, 1996; Valla, 2004; Peruzzo, 2011).

O estudo integra projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz (CAAE 37796920.6.0000.5248), em conformidade com a Resolução nº 466/2012. Todos os participantes consentiram formalmente com sua participação e com o uso anonimizado de seus relatos.

3. Resultados e Discussão

A atividade analisada consistiu na produção colaborativa de panfletos educativos sobre prevenção da Covid-19, desenvolvida em formato híbrido com a participação de 22 agentes populares de vigilância em saúde de três municípios da Baixada Fluminense. Os resultados são apresentados integrando aspectos descritivos e interpretativos, de modo a evidenciar os processos pedagógicos, os efeitos formativos e os desafios enfrentados, articulando-os ao referencial da Educação Popular em Saúde, da justiça cognitiva e das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs).

3.1. Processo pedagógico e construção dos panfletos

A atividade configurou-se como prática educativa dialógica, sustentada pelos princípios da Educação Popular em Saúde. As quatro etapas estruturantes permitiram alternar momentos de aprendizagem conceitual, experimentação prática, trabalho colaborativo e reflexão coletiva. Nas aulas síncronas remotas, os participantes tiveram acesso a conteúdos introdutórios sobre prevenção da Covid-19, características do gênero panfleto e orientações sobre o uso do software *Canva*. Nas reuniões virtuais por município, ocorreu o aprofundamento da análise crítica dos conteúdos e a revisão colaborativa das versões iniciais. A etapa final incluiu validação coletiva e distribuição dos panfletos nos territórios, culminando em uma avaliação formativa.

O processo pedagógico evidenciou a importância da formação híbrida para articular práticas educativas críticas com estratégias de inclusão digital. Mesmo em um cenário de desigualdades de acesso, os participantes demonstraram capacidade crescente de engajamento, criação e leitura crítica da informação. O fato de terem sido produzidos cinco panfletos, acima da previsão inicial que era um por grupo, sendo três grupos formados, indica envolvimento ativo e apropriação do processo formativo. Além disso, a incorporação de elementos territoriais (ex.: “Vacine-se Belford Roxo!” e “Se liga, Ouro Preto e Jd. Canaã, vamos nos vacinar!”) revela a contextualização da comunicação em saúde, aspecto central em práticas educativas com enfoque popular.

Os materiais destacaram-se pelo uso de linguagem direta, referências simbólicas aos bairros e design acessível, expressando a apropriação crítica dos participantes e o enraizamento territorial da comunicação em saúde. Panfletos, tanto impressos quanto digitais, têm sido utilizados em diversos estudos relacionados à disseminação de informações sobre a Covid-19, por exemplo, no acolhimento na Estratégia Saúde da Família durante a pandemia (Belfort *et al.*, 2021), na

sensibilização para a adoção de medidas de prevenção (Oliveira *et al.*, 2021) e para informar sobre medidas de prevenção (Feitoza *et al.*, 2021). O diferencial dos panfletos produzidos neste estudo, além de serem específicos aos territórios para os quais foram confeccionados, está no processo de construção, em que o centro do trabalho é a vida dos sujeitos e não apenas os conhecimentos científicos e dos cientistas, buscando conexão com a realidade local vivida pelas classes populares (Valla, 2004). Essas características reforçam o potencial pedagógico do processo colaborativo como estratégia de fortalecimento comunitário.

Esse movimento evidencia que a atividade não se limitou à transmissão de conteúdos, mas mobilizou um processo dialógico de compreensão da realidade local, alinhado ao que Freire (1987) concebe como formação pela problematização. A partir das experiências cotidianas dos participantes, o processo formativo operou em sentido emancipador, afirmando o território como ponto de partida da leitura crítica do mundo.

3.2. Efeitos formativos: aprendizagens, transformações subjetivas

A análise das respostas abertas e das rodas de conversa permitiu identificar efeitos formativos distribuídos em cinco categorias: (a) esclarecimento da população; (b) trabalho em equipe e construção dialógica; (c) aprendizagem técnica, conceitual e crítica; (d) uso de tecnologias e letramento digital; (e) fortalecimento do protagonismo e identidade coletiva. O Quadro 1: Impactos subjetivos e comunitários da experiência educativa: categorias, unidades de significado sintetiza essas categorias, unidades de significado e falas representativas.

Quadro 1: Impactos subjetivos e comunitários da experiência educativa: categorias, unidades de significado

Categoria temática	Unidade de significado	Falas representativas	Participantes (códigos)	Total (n)	%
Esclarecimento da população	Função social do panfleto; educação entre pares; mediação crítica da informação	“Foi esclarecedor [...]” (APVF4); “A busca de mais pessoas [...]” (APVF5); “Positivo na orientação [...]” (APVF19)	APVF1, APVF4, APVF5, APVF7, APVF8, APVF10, APVF11, APVF18, APVF19	9	40,9 %
Trabalho em equipe e construção dialógica	Cooperação horizontal; apoio mútuo; pertencimento ao grupo	“Superação / trabalho em equipe.” (APVF12); “Entrosamento [...]” (APVF2); “Foi feito com todo o grupo [...]” (APVF17)	APVF1, APVF2, APVF12, APVF17, APVF21, APVF22	6	27,3 %
Aprendizagem técnica, conceitual e crítica	Integração teoria-prática; apropriação de saberes contextualizados	“Aprendi a produzir panfletos [...]” (APVF15); “Poder levá-lo para a comunidade.” (APVF1);	APVF1, APVF6, APVF9, APVF13, APVF15,	7	31,8 %

		“Trabalho em equipe, aprendizagem.” (APVF21)	APVF16, APVF21		
Uso de tecnologias e letramento digital	Superação de barreiras digitais; domínio de ferramentas de comunicação	“Primeiro contato com o Canva [...]” (APVF6); “Aprendendo com a construção [...]” (APVF13); “Aprendizado do uso do Canva” (APVF14)	APVF1, APVF6, APVF13, APVF14, APVF16, APVF21	6	27,3 %
Fortalecimento do protagonismo e identidade coletiva	Autonomia; reconhecimento do saber local; engajamento comunitário	“Foram tarefas bem legais de se fazer e um grande estímulo pra nossa mente também [...] os debates tudo isso são pontos bem importantes e positivos, e é algo para nossa população em geral.” (APVF22)	APVF22	1	4,5 %

A

categoria mais recorrente foi o esclarecimento da população (40,9%), destacando o panfleto como instrumento de educação entre pares, mediação crítica da informação e apoio a moradores com baixo acesso à internet.

O trabalho em equipe (27,3%) foi associado à cooperação horizontal, à escuta ativa e ao fortalecimento de vínculos entre os participantes.

Essas interações revelam que a aprendizagem ocorreu em um contexto de diálogo e reconhecimento mútuo, aspectos fundamentais das práticas freireanas que fundamentam a Educação Popular em Saúde (Vasconcelos, 2021). A experiência reforça que o encontro entre diferentes repertórios, quando mediado horizontalmente, favorece tanto a ampliação dos saberes quanto a consolidação do pertencimento ao grupo.

A aprendizagem técnica, conceitual e crítica (31,8%) envolveu apropriação de conteúdos sobre prevenção, função do agente popular e elaboração de materiais educativos.

Essa apropriação demonstra que os participantes passaram a compreender-se como sujeitos capazes de produzir conhecimento situado, contribuindo para processos locais de cuidado. Essa perspectiva dialoga com a noção de justiça cognitiva (Santos, 2007) como a defesa da pluralidade epistemológica e o enfrentamento da hierarquização entre saberes, reconhecendo a legitimidade de conhecimentos historicamente invisibilizados e produzidos em contextos sociais e territoriais específicos, já que legitima formas de conhecimento que emergem da experiência territorial.

O uso de tecnologias (27,3%) revelou ampliação do letramento digital, especialmente entre aqueles que utilizaram o *Canva* pela primeira vez.

A superação das dificuldades técnicas confirma observações de Silva *et al.* (2021) e Karlo-Gomes *et al.* (2021), segundo as quais a apropriação crítica das TDICs não ocorre de maneira automática, mas exige mediação sensível às desigualdades de acesso. O apoio mútuo relatado pelos

participantes reforça a importância do trabalho colaborativo para democratizar o uso das tecnologias.

Por fim, o protagonismo e a identidade coletiva (4,5%) expressaram empoderamento político e reconhecimento do próprio papel no território. Esse movimento aponta para a emergência de sujeitos que se reconhecem como produtores de conhecimento e agentes de transformação comunitária, dimensão central defendida por Vasconcelos (2021) ao discutir práticas emancipatórias na EPS.

Esses achados evidenciam que a atividade promoveu aprendizagens múltiplas, entrelaçando dimensões subjetivas, técnicas e comunitárias a partir de uma perspectiva dialógica e territorializada.

Além disso, os efeitos formativos identificados demonstram que a aprendizagem construída ao longo da atividade se aproximou de um processo de “práxis”, no sentido freireano do termo (FREIRE, 1987). Os participantes não apenas adquiriram conteúdos técnicos, mas reinterpretaram-nos à luz de suas vivências territoriais, convertendo conhecimento em ação. Essa articulação entre reflexão crítica, autonomia e compromisso comunitário reforça o caráter emancipador da formação, evidenciando que o processo educativo operou como espaço de fortalecimento de sujeitos historicamente silenciados.

3.3. Limites e estratégias de superação

O processo formativo ocorreu em meio a desafios estruturais relacionados à desigualdade social, dificuldades tecnológicas e restrições sanitárias. Os participantes relataram barreiras na elaboração textual, na escolha de imagens, no domínio do *Canva*, na organização coletiva e no tempo reduzido para execução das tarefas. O Quadro 2: Limites e estratégias de superação durante o processo formativo apresenta a distribuição desses desafios e as estratégias de superação mencionadas.

Quadro 2: Limites e estratégias de superação durante o processo formativo

Categoria temática	Desafio identificado	Estratégia de superação relatada	Participantes (códigos)	Total (n)	%
Linguagem e produção textual	Dificuldade em elaborar frases simples, curtas e compreensíveis	Apoio do grupo e orientação da equipe formadora	APVF2, APVF10, APVF15, APVF17, APVF22	5	22,7 %
Seleção e uso de imagens	Limitações do aplicativo e dificuldade em encontrar figuras adequadas e gratuitas	Busca alternativa de imagens (Google) e cooperação entre colegas	APVF4, APVF5, APVF13, APVF20	4	18,2 %

Uso do Canva e letramento digital	Primeira experiência com o aplicativo e dificuldades técnicas iniciais	Persistência individual e ajuda mútua	APVF6, APVF16, APVF21	3	13,6 %
Trabalho em grupo	Conciliação de agendas, divisão de tarefas e escuta entre pares	Superação por meio da colaboração e escuta ativa	APVF1, APVF3, APVF14	3	13,6 %
Tempo e organização da atividade	Tempo escasso para execução das etapas e entrega do material	Planejamento coletivo e adaptação da carga de trabalho	APVF7, APVF9	2	9,1 %
Outros desafios pontuais	Dificuldade com o design, acesso à internet ou escolha do tema	Estratégias diversas conforme o caso específico	APVF8, APVF11, APVF12, APVF18, APVF19	5	22,7 %

Entre as dificuldades mais frequentes estiveram: elaborar frases simples e compreensíveis; encontrar imagens adequadas e gratuitas; superar a falta de familiaridade com ferramentas digitais; conciliar agendas no trabalho em grupo; e lidar com limitações de conectividade.

Esses desafios não configuraram obstáculos isolados, mas elementos constitutivos do próprio processo formativo. A maneira como os participantes os enfrentaram, recorrendo ao apoio mútuo, à negociação coletiva e à experimentação, reforça que aprender, no contexto da EPS, envolve reconhecer limites, construir alternativas e validar saberes prévios.

Esse entendimento aproxima-se da concepção dialógica de educação, em que dificuldades são tomadas como oportunidades de reflexão e recriação de práticas (Vasconcelos, 2021).

3.4. Avaliação formativa da experiência

A avaliação aplicada ao final da atividade apontou altos índices de satisfação e de apropriação das competências propostas. Conforme o Quadro 3: Indicadores agrupados da avaliação formativa (n = 22), 81,8% dos participantes declararam-se “totalmente satisfeitos” ou “muito satisfeitos”; 86,4% sentiram-se capazes de produzir novos panfletos, tanto individualmente quanto em grupo; e 95,5% atribuíram importância ao panfleto como instrumento de comunicação e conscientização sobre vacinação.

Quadro 3: Indicadores agrupados da avaliação formativa (n = 22)

Eixo Avaliativo	Indicador	Total	%
Satisfação com a atividade	Totalmente satisfeito ou muito satisfeito	18	81,8%
	Satisfeito	4	18,2%

Apropriação de competências	Sentiu-se capaz de construir novo panfleto em grupo	19	86,4%
	Não se sentiu capaz de construir novo panfleto em grupo	3	13,6%
	Sentiu-se capaz de construir um novo panfleto individualmente	19	86,4%
	Não se sentiu capaz de construir um novo panfleto individualmente	3	13,6%
Percepção de impacto	Considerou o panfleto importante para o projeto	21	95,5%
	Não considerou o panfleto importante para o projeto	1	4,5%
	Considerou o panfleto importante para conscientizar sobre vacinação	21	95,5%
	Não considerou o panfleto importante para conscientizar sobre vacinação	1	4,5%

Esses resultados sugerem que a metodologia adotada, combinando formação híbrida, mediação digital sensível e construção coletiva favoreceu a aprendizagem significativa, o engajamento político-comunitário e a consolidação dos agentes populares como produtores de conteúdo e mediadores críticos da informação em saúde.

A forte percepção de impacto comunitário evidenciada na avaliação formativa indica que os participantes compreenderam o panfleto como intervenção concreta no território, e não apenas como produto de uma atividade educativa. Essa compreensão está alinhada ao que Santos (2007) descreve como ecologia de saberes, na qual diferentes conhecimentos dialogam e se fortalecem mutuamente na ação prática.

3.5. Síntese transversal dos achados

A análise integrada dos dados permitiu identificar três dimensões formativas centrais emergentes da experiência. A primeira refere-se aos saberes locais e à linguagem acessível, evidenciando que os participantes reconheceram o território como espaço legítimo de produção de conhecimento e buscaram adaptar a comunicação de forma clara e contextualizada. A segunda dimensão diz respeito à autonomia digital e ao domínio técnico, marcada pela superação de barreiras tecnológicas iniciais e pelo uso autoral do Canva como ferramenta de criação, demonstrando apropriação progressiva das TDICs. A terceira dimensão envolve o trabalho coletivo e o engajamento comunitário, expressos na cooperação entre pares, no fortalecimento do pertencimento ao grupo e na valorização das práticas colaborativas.

O Quadro 4: Efeitos formativos da experiência: eixos analíticos, unidades de significado e falas representativas sintetiza esses eixos, suas unidades de significado e falas representativas. De

modo transversal, os achados indicam que a atividade ultrapassou a simples elaboração de um material educativo, configurando-se como um processo formativo emancipador que integrou dimensões técnicas, subjetivas e comunitárias, em consonância com os princípios da EPS.

Quadro 4: Efeitos formativos da experiência: eixos analíticos, unidades de significado e falas representativas

Eixo temático	Unidade de significado	Falas representativas	Participantes (códigos)	Total (n)	%
Saberes locais e linguagem acessível	Reconhecimento do território como fonte legítima de conhecimento	“Pra mim, acho que a grande dificuldade foi em passar as informações corretas para que as pessoas em vulnerabilidade entendessem [...]” (APVF10)	APVF2, APVF10, APVF15, APVF18, APVF22	5	22,7 %
Autonomia digital e domínio técnico	Superação de barreiras tecnológicas; uso do Canva como ferramenta autoral	“Foi meu primeiro contato com o Canva [...], mas depois que aprendi a mexer, consegui explorar melhor as ferramentas [...]” (APVF6); “Aprendizado do uso do Canva.” (APVF14)	APVF4, APVF6, APVF13, APVF14, APVF16	5	22,7 %
Trabalho coletivo e engajamento comunitário	Participação ativa; cooperação horizontal; pertencimento ao grupo	“Trabalhar em grupo e a participação de todos.” (APVF1); “Foi feito com todo o grupo [...] e deu certo para toda população.” (APVF17)	APVF1, APVF12, APVF17, APVF19, APVF21	5	22,7 %

Assim, ao articular saberes populares, ferramentas digitais e práticas colaborativas, a experiência reafirmou a potência da EPS como caminho para produzir conhecimento situado e democratizar a comunicação em saúde. Nesse sentido, a formação analisada aproximou-se do que Freire (1987) chama de “leitura do mundo”, ao favorecer que os participantes, a partir de suas próprias realidades, construíssem interpretações críticas e produzissem intervenções concretas em seus territórios.

4. Considerações finais

A produção colaborativa de panfletos educativos mostrou-se uma atividade formativa capaz de articular aprendizagem técnica, engajamento político-comunitário e fortalecimento do protagonismo popular em um cenário marcado pela sindemia de Covid-19. Ao evidenciar a potência de práticas educativas sustentadas no diálogo, na escuta ativa e na valorização dos saberes locais, a experiência reafirma que sujeitos historicamente marginalizados podem assumir papéis centrais na produção e circulação de conhecimento em saúde.

Os altos índices de satisfação, a apropriação das ferramentas digitais e a percepção de impacto territorial demonstram que o processo formativo ultrapassou a elaboração de um produto educativo, configurando-se como espaço de emancipação e construção coletiva. Ainda que o número reduzido de participantes limite a generalização dos achados, os resultados oferecem pistas relevantes sobre como propostas híbridas e participativas podem promover autonomia e fortalecer redes comunitárias em contextos de vulnerabilidade.

Diante disso, reforça-se a necessidade de políticas públicas que estimulem práticas dialógicas, ampliem o acesso à inclusão digital e reconheçam os territórios como espaços legítimos de formação crítica e ação social. Tais diretrizes tornam-se especialmente importantes em situações de crise sanitária, nas quais desigualdades podem ser mitigadas, ou agravadas, a depender da capacidade de mobilização e participação das comunidades.

Biodados e contatos dos autores



GONÇALVES, M. A. é bióloga, mestre e doutora em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde (PGEBS/IOC/Fiocruz). Seus interesses de pesquisa incluem ensino de ciências, educação em saúde e divulgação científica, com ênfase em populações em situação de vulnerabilidade e no enfrentamento da síndrome de Covid-19, entre outros agravos à saúde.

Participou do projeto de vigilância popular e educação em saúde em territórios vulnerabilizados da Baixada Fluminense.

ORCID: 0000-0002-7081-7601

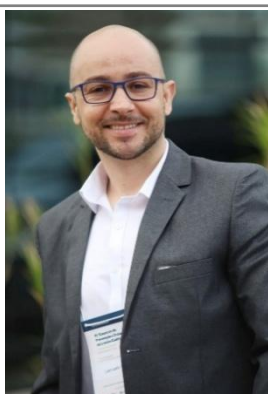
E-mail: marianalberti@hotmail.com



OLIVEIRA, J. G. possui pós-doutorado pela Universidade Hebraica de Jerusalém. Completou o doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Seus interesses de pesquisa incluem microbiologia aplicada, parasitologia de mamíferos, vigilância popular em saúde, com destaque para zoonoses e biodiversidade. Esteve envolvido no projeto de vigilância em saúde na Baixada Fluminense. Atua como assistente de pesquisa da Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas e vice-líder do grupo de pesquisa NECES (Núcleo de Ensino, Cultura, Espiritualidade e Saúde).

ORCID: 0000-0001-6973-7068

E-mail: goncalvesjohn03@gmail.com



SAMPAIO, L. A. é professor do Departamento de Enfermagem e Ciências Médicas na Universidade de Santa Úrsula. Completou o doutorado na Fundação Oswaldo Cruz. Seus interesses de pesquisa incluem educação popular em saúde, saúde pública e saúde mental, com destaque para educação e saúde. Esteve envolvido em pesquisa de educação popular em saúde no projeto INOVA Fiocruz em territórios vulnerabilizados da Baixada Fluminense.

ORCID: 0000-0001-8177-6385

E-mail: professorlas@gmail.com



BELO, M. S. S. P. é bióloga e pesquisadora em Saúde Coletiva, docente da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde (IOC/Fiocruz). Doutora em Saúde Pública pela ENSP/Fiocruz, desenvolve pesquisas voltadas à promoção da saúde, à educação em saúde, à extensão universitária, à saúde do trabalhador e às metodologias participativas e interdisciplinares no ensino.

ORCID: 0000-0001-9666-284X

E-mail: mariana.belo@unirio.br



FERREIRA, R. R. é biólogo e pesquisador em saúde pública do Laboratório de Biologia das Interações do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz). Completou o doutorado em biologia celular e molecular no Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz, Brasil) e na Universidade de Leiden (Holanda). Seus interesses de pesquisa incluem biologia celular, molecular, genética humana, divulgação científica, CienciArte e ensino.

ORCID: 0000-0001-5010-7007

E-mail: robertoferreira.ioc@gmail.com



GARZONI, L. R. é bióloga, doutora em Biologia Celular e Molecular pelo Instituto Oswaldo Cruz - FIOCRUZ (Brasil). Atualmente, é vice-diretora de pesquisa, desenvolvimento tecnológico e inovação IOC/Fiocruz. Seus interesses de pesquisa envolvem novas abordagens terapêuticas em doença de Chagas e câncer, além de educação popular em saúde e desenvolvimento de tecnologias sociais para o desenvolvimento sustentável.

ORCID: 0000-0002-6527-0664

E-mail: luciana.garzoni@ioc.fiocruz.br

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado principalmente com apoio do programa INOVA Fiocruz a partir do Edital Ideias e Produtos Inovadores - Covid-19 – Resposta rápida - Encomendas Estratégicas. Emenda Parlamentar 13380015/2020, também da coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Referências Bibliográficas

BELFORT, I. K. P.; COSTA, V. C.; MONTEIRO, S. C. Acolhimento na estratégia saúde da família durante a pandemia da COVID-19. **APS em Revista**, v. 3, n. 1, p. 3-8, 2021.

BRAVA BAIXADA. Municípios da Baixada Fluminense. Disponível em: <https://bravabaixada.com.br/municipios/>. Acesso em: 10 mar. 2026.

DOS SANTOS, R. O. M.; RAMOS, D. N.; ASSIS, M. Construção compartilhada de material educativo sobre câncer de próstata. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 42, e122, 2019.

FASANELLO, M. T.; NUNES, J. A.; PORTO, M. F. S. A ecologia política dos saberes e a práxis da justiça cognitiva: diálogos entre Boaventura de Sousa Santos e Paulo Freire. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, supl. 1, p. 1421-1434, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0661>.

FEITOZA, C. C. *et al.* Proporcionando acesso à prevenção da COVID-19 – Projeto de extensão “Unidos pelo Bem”. **Expressa Extensão**, v. 26, n. 1, p. 603-610, 2021.

FONTOURA, H. A. Analisando dados qualitativos através da tematização. In: FONTOURA, H. A. **Formação de professores e diversidades culturais: múltiplos olhares em pesquisa**. Niterói: Intertexto, 2011. p. 61–82.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GESSER, M.; BRÊTAS, J. R. S. Educação popular em saúde no contexto da pandemia de COVID-19: contribuições para o cuidado e a justiça social. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 75, supl. 2, e20220054, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2022-0054>.

HORTON, R. Offline: COVID-19 is not a pandemic. **The Lancet**, v. 396, n. 10255, p. 874, 2020.

MENDENHALL, E. Syndemics: a new path for global health research. **The Lancet**, v. 389, n. 10072, p. 889-891, 2017.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, v. 9, n. 3, p. 237–248, 1993.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BRASIL). Resolução nº 15, de 26 de abril de 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/res0015_26_04_2017.html. Acesso em: 13 mar. 2026.

OLIVEIRA, A. C. *et al.* Construção e validação de folheto para cuidadores de idosos sobre prevenção da COVID-19. **Revista de Medicina (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 54, n. 1, e181681, 2021. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rmrp/article/view/181681>. Acesso em: 13 mar. 2026.

PEREIRA, G. R.; SOARES, K. C. M.; COUTINHO-SILVA, R. Avaliação do grau de inserção dos museus de ciências na realidade escolar da Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 17, n. 2, p. 449–464, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/3YbXq5mJ7d7ZpQ6X6v8Q7gD/>. Acesso em: 10 mar. 2026.

PERUZZO, C. M. K. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, n. 3, 2011.

SALAZAR, L. **Evaluación de efectividad en promoción de la salud: guía de evaluación rápida**. Cali (Colombia): CEDETES, Universidad del Valle, 2004.

SANTOS, B. S. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, C. M. *et al.* Pandemia da COVID-19, ensino emergencial a distância e Nursing Now: desafios à formação em enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 42, e20200248, 2021.

SOUZA, D. L.; VIEIRA-DA-SILVA, L. M. Educação popular, tecnologias sociais e saúde coletiva: contribuições e desafios no enfrentamento da pandemia da covid-19. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 26, e210837, 2022.

TEIXEIRA, R. R.; FRANÇA JR., I. Suscetibilidade e vulnerabilidade à COVID-19: somos todos iguais? **Zona de Contágio**. Disponível em: <https://www.tramadora.net/2020/03/26/suscetibilidade-e-vulnerabilidade-a-covid-19-somos-todos-iguais/>. Acesso em: 5 nov. 2025.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VALLA, V. V. **A saúde dos centros urbanos brasileiros: a integração saúde-população-ambiente**. São Paulo: Hucitec, 1996.

VALLA, V. V.; GUIMARÃES, M. B.; LACERDA, A. Religiosidade, apoio social e cuidado integral à saúde: uma proposta de investigação voltada para as classes populares. In: _____. **Cuidado**. [S.l.: s.n.], 2004. p. 105.

VASCONCELOS, E. M. **Educação popular em saúde: construção coletiva de saberes e práticas**. São Paulo: Hucitec, 2021.

COMO CITAR ESTE TRABALHO

ABNT: GONÇALVES, M. A. *et al.* Produção Colaborativa de Panfletos Educativos como Estratégia de Protagonismo Popular durante a Sindemia de Covid-19 em uma Experiência Formativa Híbrida. **EaD em Foco**, v. 16, n.1, e2768, 2026. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v16i1.2768>